



RESISTÊNCIA E LUTA SEMPRE

**EVENTO NA SEDE
CELEBRA CONSCIÊNCIA
NEGRA, DEBATE RACISMO
INSTITUCIONAL E MARCA
TROCA DE COORDENAÇÃO
DA COMISSÃO DE
IGUALDADE RACIAL**

PÁGINAS 3 E 4



DESIGUALDADE NO MERCADO DE TRABALHO

A PNAD Contínua de 2017 mostra que há forte desigualdade racial na renda média do trabalho: R\$ 1.570 para negros, R\$ 1.606 para pardos e R\$ 2.814 para brancos. O desemprego também é fator de desigualdade, o 3º trimestre de 2018 registrou um desemprego mais alto entre pardos (13,8%) e pretos (14,6%) do que na média da população (11,9%).



BRASIL



**RECONHECER O PRECONCEITO PARA
TRANSFORMAR A SOCIEDADE**

PÁGINA 2

**DIEESE: RAÇA E GÊNERO NO EMPREGO
METALÚRGICO NO BRASIL**

PÁGINA 2



RECONHECER O PRECONCEITO PARA TRANSFORMAR A SOCIEDADE

Ao perceber o comportamento racista, cada um pode passar a contribuir na luta por uma sociedade mais igual

Nessa atividade da Consciência Negra, é importante registrar o agradecimento a todos os negros e negras que compuseram e compõem a Comissão de Igualdade Racial e Combate ao Racismo dos Metalúrgicos do ABC, que ajudaram a trazer para o Sindicato a realidade que vivem na fábrica e na sociedade.

Tenho que tomar o cuidado e falar “sobre” os negros, nunca “como” um negro. Para sentir o preconceito, você precisa ter sofrido algum tipo de discriminação para saber o quanto isso é odioso, o quanto machuca e dói. Posso falar como branco, sensível à causa e à luta dos negros.

Se quisermos mudar o mundo e buscar a igualdade, temos que primeiro assumir os próprios preconceitos para entender as batalhas que têm que ser travadas. Mas reconhecer seu racismo e preconceito é difícil.

É o exercício de se olhar no espelho e dizer onde está o seu comportamento racista e preconceituoso. Na maioria das vezes não é nem por opção. É preciso tomar consciência de que existem na sua personalidade comportamentos preconceituosos, com ideias embutidas na sua formação desde criança e que, muitas vezes, quem te formou nem percebeu.

A sociedade é extremamente racista e preconceituosa. Por exemplo, você está em uma rua qualquer e vem em sua direção um negro. Qual o primeiro pensamento que passa pela sua cabeça? Seria o mesmo se fosse um homem branco? Aí está o seu preconceito.

A partir do momento em que começa a tomar consciência disso, começa a ter solidariedade com os negros e as negras. Assim você pode contribuir com a luta e, de fato, trabalhar para mudar a sociedade.

Só conseguiremos propor uma sociedade mais igual se enxergarmos as diferenças que existem nela.

Enquanto um branco tiver mais possibilidades do que um negro e se utilizar disso para se promover na fábrica, mesmo que seja por omissão, isso não vai mudar. E a omissão é um dos piores pecados que podemos cometer, de estar diante daquilo que enxergamos e não gostaríamos que acontecesse conosco nem com a nossa família.

Esse é o debate que temos que fazer. É reconhecer e começar a trabalhar contra aquilo que faz mal ao espírito, à alma, à convivência, ao coletivo e à sociedade. O Sindicato é esse espaço de reflexão.

O país só vai acabar com a desigualdade quando a sociedade assumir seu racismo e lutar contra o preconceito.

NOTAS E RECADOS

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Desigualdade social

Dados de 2015 mostram que apesar dos negros e pardos representarem 54% da população na época, a participação no grupo dos 10% mais pobres era muito maior: 75%.



Informalidade

No grupo do 1% mais rico da população, a porcentagem de negros e pardos era de apenas 17%. A informalidade atingia 48% da população negra e 34 dos brancos.



Acesso à educação

A taxa de analfabetismo é mais que o dobro entre pretos e pardos (9,9%) do que entre brancos (4,2%), de acordo com a PNAD Contínua de 2016.



Mortalidade 1

Em 2016, a taxa de homicídios de negros foi duas vezes e meia superior à de não negros e a taxa de homicídios de mulheres negras foi 71% superior.



Mortalidade 2

Entre 2006 e 2016, a taxa de homicídios de negros cresceu 23,1%. No mesmo período, a taxa entre os não negros caiu 6,8%.

DICA DO DIEESE



A Rede Metalúrgica do DIEESE divulgou na semana passada uma nota técnica que mostra a dificuldade da população negra na sua inserção ao mercado de trabalho formal. E para além da segregação racial, o estudo mostra também a discriminação de raça e gênero no segmento metalúrgico entre os períodos de 2008 e 2017.

Neste período, no setor metalúrgico, foram fechados mais de 235 mil postos de trabalho, uma redução de 11,3%. Os trabalhadores não negros foram mais impactados, crescendo assim a participação total de negros metalúrgicos de 25,1% para 29,2%, que ainda é uma

participação pequena frente ao perfil populacional do país.

Uma das justificativas para esse movimento pode ser explicada pela razão de os trabalhadores não negros terem maiores salários, pois estes são mais impactados durante períodos de crise ao serem substituídos por trabalhadores com remuneração menor.

O estudo chama atenção ainda para o choque da desigualdade de raça ser ainda mais perverso quando somado às questões de gênero. As mulheres negras recebiam 53,5% da remuneração dos homens não negros em 2017.

O estudo aponta que as dife-

renças salariais entre os homens não negros e os homens e as mulheres negros e negras permanecem como uma questão estrutural, e pouco se alteram.

Em todos os recortes analisados, seja por região, segmento ou faixa de escolaridade, os metalúrgicos negros e negras possuem rendimentos inferiores. Os dados reforçam a necessidade de ampliar o debate e combater o racismo e o preconceito contra a população negra. O estudo completo está disponível no site: dieese.org.br.

Comente este artigo. Envie um e-mail para sumetabc@dieese.org.br
Subseção do Dieese

TVT canal 44.1 HD
PANORAMA
HOJE, ÀS 20h30

“ATÉ HOJE ESTAMOS EM BUSCA DESSA LIBERDADE PLENA, JÁ QUE A MAIORIA DA POPULAÇÃO NEGRA NÃO ACESSA OS BENS E SERVIÇOS DO ESTADO”

ATIVIDADE NO SINDICATO RELEMBROU A LUTA DA POPULAÇÃO NEGRA E MARCOU A TRANSIÇÃO DA COORDENAÇÃO DA COMISSÃO DE IGUALDADE RACIAL

A luta e a resistência negra foram os motes principais do evento realizado no último sábado, 24, na Sede, em homenagem ao Dia da Consciência Negra, celebrado em 20 de novembro. Os ícones Zumbi, Dandara, Marielle e Mestre Moa, e também o ex-presidente Lula, hoje preso político, foram inspirações para os artistas que tiveram seus painéis, produzidos especialmente para a data, instalados no prédio do Sindicato.

A data também marcou a transição da coordenação da Comissão de Igualdade Racial e Combate ao Racismo dos Metalúrgicos do ABC (*confira os detalhes na página 4*).

Antes da exposição dos convidados, o bloco paulistano Pilantragi fez uma apresentação ao som de afoxé e samba reggae. Ainda na abertura, um vídeo sobre racismo institucional mostrou como os negros são vistos de forma depreciativa por alguns profissionais de RH.

A PROFESSORA E ATIVISTA, pós-graduada em Educação para Relações Étnico Raciais pela PUC-SP, Marilândia Frazão de Espinosa, começou sua fala destacando que este ano a data tem um peso ainda maior. “Nesse momento o 20 de novembro tem um agravante um pouco maior, porque estamos saindo de uma eleição extremamente preocupante para todos nós brasileiros que acreditamos em um Brasil melhor, plural e democrático. O que se avizinha é que vamos rever momentos muito obscuros com relação ao que está sendo dito, a criminalização dos sindicatos, dos movimentos sociais e do movimento negro”.

Marilândia Frazão fundamentou sua exposição na política racial institucional e estruturante na sociedade brasileira. Para explicar como esse sistema funciona, lembrou que o país vive uma abolição inacabada, que não tornou a população negra totalmente livre.

“Até hoje estamos em busca dessa liberdade plena, já que a maioria da população negra não acessa os bens e serviços do Estado. Por isso dizemos que é uma abolição inacabada, ela só será acabada quando nós tivermos um acesso pleno aos direitos”, ressaltou.

“ELA É INSTITUCIONAL porque a instituição também não se preparou para o acúmulo dessa população que passou a fazer parte dessa sociedade. As instituições não estão preparadas para nossa realidade racial brasileira”, reforçou.

“Não basta só ficarmos reclamando, precisamos pensar em estratégias de como vamos enfrentar isso, temos que nos preparar enquanto trabalhadores, sindicalistas, negros, mulheres, LGBTI, para enfrentarmos o que está por vir e o que já está por aí”, completou.

O militante e ativista Milton Barbosa também fez um resgate histórico, relembrou a revolução do Haiti que classificou como “a única revolução escrava vitoriosa na história da humanidade”. “Eles puseram pra correr os senhores dos escravos, tomaram o poder, eles são um exemplo para humanidade. Quando você olha nos olhos dos haitianos, vê que passavam dificuldade no país deles, mas também percebe a firmeza, porque eles sabem da história deles”.

“AQUI NO BRASIL 2/3 da população negra era livre e estava inserida na sociedade, na história do Brasil, os grandes músicos, escritores, poetas, escultores são negros, embora exista toda uma estratégia para esconder. E aquele 1/3 que estava escravizado tinha como referência revolução do Haiti e isso preocupava muito a classe dominante que montou uma estratégia para desalojar os negros do processo produtivo”, ressaltou.

Milton destacou que há um processo de genocídio da população negra que se expressa fundamentalmente sobre a juventude, pela violência policial, os grupos de extermínio, o narcotráfico e o mau atendimento na saúde pública.

“Temos que estar atentos e lutar contra isso, precisamos todos assumir esse compromisso, ainda mais neste momento”, afirmou.





COMISSÃO DE IGUALDADE RACIAL TEM NOVO COORDENADOR



A atividade realizada sábado no Sindicato marcou a transição da coordenação da Comissão de Igualdade Racial e Combate ao Racismo dos Metalúrgicos do ABC. O atual coordenador, José Laelson de Oliveira, o Leo Superliga, passou o bastão para Carlos Alberto Queiroz Rita, o Somália, CSE na Dura Automotivo, em Rio Grande da Serra, que agora assume a pasta.

LEO SUPERLIGA que esteve à frente da Comissão desde julho de 2014 relembrou algumas realizações e destacou o desafio de defender a pauta. “A dívida que o Estado tem com a população negra é impagável. Não é fácil defender essa pauta e não é tarefa fácil representar o Sindicato, porque onde você chega você é referência, por isso é preciso ter conteúdo para representar essa instituição”.

“Deixo a coordenadoria da Comissão de Igualdade Racial com o sentimento de dever cumprido. Espero não ter decepcionado os coordenadores que me antecederam e desejo ao companheiro Somália, nesta nova trajetória, muito boa sorte. Deixo a pasta, mas não a luta, enquanto houver opressão e ameaça ao povo negro seremos resistência. Ubuntu!”, concluiu.

O NOVO COORDENADOR destacou o cargo que agora ocupará como um importante espaço de luta. “Nessa pasta temos a oportunidade de trabalharmos juntos para diminuir essa desigualdade que sabemos que existe na sociedade, dentro das empresas, em todos os espaços. Tenho muito a aprender com todo esse pessoal que passou pela Comissão e que respeito muito. Agradeço o espaço, darei continuidade à luta!”, afirmou.

REALIZAÇÕES DA COMISSÃO NOS ÚLTIMOS QUATRO ANOS

- Formação de mais de 400 dirigentes em cursos sobre a questão racial, envolvendo os temas: história da África, ações afirmativas, cotas e Lei 10639/03, genocídio da juventude negra
- Criação do comitê de Negros e Negras do ABC em prol da democracia e defesa de Lula
- Conversa de Griô - Revista que retrata os 30 anos da Comissão de Igualdade Racial e Combate ao Racismo e exposição fotográfica do período
- Promoção de encontros internacionais, nacionais e regionais de capoeira
- Integração com as escolas de samba locais, da capital paulista e do Rio de Janeiro
- Entrega do Estandarte de Ouro e a Escolha da Corte do Carnaval das Escolas de Samba de São Bernardo
- Homenagem a Pai Danci, líder religioso da região
- Duas feiras Afro-empendedoras com o compromisso de valorizar e fortalecer o trabalho desses microempendedores locais

TRIBUNA ESPORTIVA

FOTOS: DIVULGAÇÃO



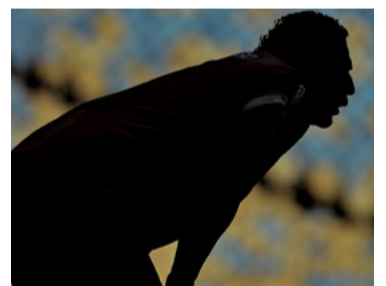
- O Observatório de Discriminação Racial no Futebol registrou 41 ocorrências de racismo em 2017. Em 2016, foram 25 casos tanto em estádios quanto na internet.



- No Supremo Tribunal de Justiça Desportiva, foram julgados dois casos em 2016 e, em 2017, nenhum caso de injúria racial foi sequer analisado.



- Ídolo do São Paulo e do Santos, Sergio Chulapa afirmou que “nunca vi alguém tomar atitude nem nunca vi ninguém ser preso por racismo.”



- De acordo com IBGE, 54% da população brasileira se autodeclara preta ou parda. Porém, nas séries A e B do Brasileirão, nenhum técnico é negro.



- Com a conquista do Brasileirão, Dudu, Fernando Prass e Jailson entraram para a lista restrita de ídolos do Palmeiras que conquistaram três títulos.